

I PARTE

«La lengua es vehículo, producto y productor de culturas» Robert Galisson

1.- Cultura e comunicação

1.1. Língua, cultura e identidade

Cada país e cada pessoa têm uma identidade através da sua cultura e da sua língua. Como refere Carla Nobre (2010:64): «A língua constitui-se como identidade pessoal, regional ou nacional, étnica ou religiosa dos falantes.» Todos estes aspetos relevam da interferência da língua na cultura ou vice-versa. E por isso, a integração da cultura no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira é uma realidade que já ninguém põe em questão.

A procura de uma identidade nacional através da língua ou da cultura, é uma questão complexa. Não podemos negar a dificuldade de encontrar uma definição de cultura porque engloba em si vários aspetos que determinam a identidade de um país. Citando José Maria dos Santos Coelho (2010:6):

As perspectivas sobre o que será cultura e o que será a identidade são muito diferentes de autor para autor. Basta pensarmos que na construção dos nossos referenciais culturais influem imensos factores, englobando, inclusive, a própria geografia, mas também os mitos, as crenças e muito, muito mais. Um chinês, por exemplo, verá um determinado acontecimento de forma diferente da de um português. Trata-se de referências totalmente diversas e de complexidade distintas. A fabricação de identidade destes dois indivíduos teve um percurso diferente.

Desta forma, definir a cultura de um país é uma tarefa difícil quanto mais, se pensarmos que no próprio país há subculturas. Espanha e Portugal, pela sua aproximação geográfica, pela partilha de vários séculos de história em comum, dividem-se entre norte e sul, com algumas características semelhantes. Valores e aspetos culturais são vivenciados de maneira diferente dependendo de sermos do norte ou do sul. As pessoas do norte são mais sisudas e trabalhadoras e as do sul são mais alegres e menos produtivas. As touradas são um aspeto cultural ou não? Litoral e interior: mais alegres, mais fechados? Consoante o espaço geográfico em que crescemos, adotamos atitudes, comportamentos, valores e aspetos culturais diferentes. Falar de identidade de um país apela a uma reflexão muito profunda em que dificilmente se chegará a um consenso. E no que toca a Espanha, tornar-se-á tarefa ainda mais problemática porque, sabemos que existem questões de nacionalismo, de reivindicação de independência, de partilha de quatro línguas oficiais. Onde está a unidade cultural do povo espanhol? Acreditamos estar na cultura com «C» grande.

O que poderá definir a identidade de um povo? Em muito a sua história. A memória e o património definem a identidade de alguém e de um povo. Países com mais História veiculam uma identidade maior; pessoas com mais história pessoal veiculam uma personalidade mais forte.

Afinal o que é a cultura de um país? Será legítimo falar de individualismo cultural quando esta sociedade está cada vez mais «acultural» na era da globalização? A língua, a cultura e a sociedade estão unidas para formar a identidade? Todas estas perguntas levam-nos a refletir e a encontrar uma resposta. Como refere J.Sanchez Lobato (1993:59):

Lengua y sociedad en su lento o rápido caminar, según se mire, guardan entre sí una cierta relación que cristaliza en la cultura global de la época, y de ella, no nos olvidemos, forman parte los hombres que la hacen posible y su medio de comunicación por excelencia: la lengua

Todas as sociedades defendem e partilham um conjunto de aspetos culturais que são transmitidos de uma forma inata e natural. A cultura é aprendida, partilhada e herdada. A língua funciona como mediadora da transmissão da cultura através dos tempos. É claro que ela não é estática, ao contrário de alguns aspetos culturais que permanecem para a eternidade. Os nossos jovens utilizam, atualmente, um novo código para comunicarem entre eles. Dilaceram as palavras, matam a gramática. Este novo tipo de linguagem é partilhado nas redes sociais e nas mensagens de texto. Um professor tem que estar, culturalmente, aberto a este tipo de evolução, em alguns casos.

O que é a língua? Segundo a definição encontrada na Infopedia, é um «sistema abstrato de signos e de regras gramaticais que possibilita a produção e a compreensão dos atos linguísticos; vocabulário de um idioma e suas regras gramaticais».

Mais interessante a seguinte definição, que completa a primeira (in, Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 6ª edição): «...sistema de palavras com que se exprimem as ideias e os sentimentos das diversas pessoas...». As edições são atualizadas, ao longo dos tempos, mas com certeza que esta definição continua a ter sentido para nós que aprendemos a brincar com as palavras e a procurar o impossível em poemas e em textos.

A palavra, a «verbo» permite a comunicação. Como afirma Carla Nobre (2010:64), «A língua serve, como é sabido, para a comunicação em casa, na escola ou trabalho, na rua e em todos os ambientes socioculturais de interação humana.»

Como já foi referido, a língua é um ser vivo em permanente atualização e evolução. É estudada sob diversas perspetivas: a sua mudança através do tempo; as diferenças linguísticas no espaço, ou o mesmo será dizer, os dialetos; as diferenças socioculturais dos falantes e, finalmente, os diferentes registros linguísticos. Estes aspetos terão de estar presentes quando ensinamos uma língua estrangeira. Precisamos de ter a plena consciência da situação em que nos encontramos para poder utilizar e ensinar os registros mais adequados (calão, familiar, culto), saber quem é o nosso interlocutor, ter algum conhecimento das variedades e das diferenças linguísticas.

Se a sociedade está em permanente transformação, a língua tem que acompanhar. Da mesma forma que a língua é um instrumento da cultura, a cultura ajuda a facilitar a comunicação. Partimos, agora, para reflexionar sobre cultura.

1.2. Definição de cultura

Então por que razão a cultura é tão importante? E o que é a cultura? Perguntas fáceis de fazer mas difíceis de responder taxativamente. Pode-se tentar definir o conceito de cultura com base nos vários textos lidos. No entanto, será mais correto parafrasear ou até mesmo citar, à exaustão, para que esta definição se torne mais justa e próxima da fonte e porque nada de novo iríamos acrescentar.

Como anteriormente referido, a cultura determina a identidade de um povo. Para Goodenough (1963), citado em Dimitrios Thanasoulas, a cultura:

(...) Consiste em normas para decidir o que é, normas para decidir o que pode ser, normas para decidir o que fazer sobre isso e normas para decidir como proceder para fazê-lo. Claramente, a cultura é uma fonte omnipresente, que forja as nossas identidades e as nossas relações com outras coisas e pessoas.

Sem dúvida, que a cultura é isto tudo. Ela determina o que uma nação pensa e faz e condiciona as relações interpessoais. Ela é também todo um conjunto de códigos que nos ajudam a atuar da melhor forma possível, em determinadas situações. Como professores, devemos ensinar isso aos nossos alunos para que tomem consciência das diferenças e valorizem o outro através do que é deles.

Ampliando esta definição de cultura F. Poyatos (1994:25-26) propõe:

La cultura puede definirse como una serie de hábitos compartidos por los miembros de un grupo que vive en un espacio geográfico, aprendidos, pero condicionados biológicamente, tales como los medios de comunicación (de los cuales el lenguaje es la base), las relaciones sociales a diversos niveles, las diferentes actividades cotidianas, los productos de ese grupo y cómo son utilizados, las manifestaciones típicas de las personalidades, tanto nacional como individual, y sus ideas acerca de su propia existencia y la de los otros miembros.

Segundo Sapir (1966:247), cultura é «aquello que una sociedad hace y piensa» (in, Rosa M^a Rodríguez Abella, El Componente cultural en la enseñanza/aprendizaje de lenguas extranjeras). Para Bertrand Badie, a cultura é como um quadro da «construção da identidade» (in, António dos Santos Pereira, Portugal Descoberto- Cultura Medieval e Moderna, Vol.I, 2008: 40). Definindo a cultura, o Professor Doutor António dos Santos Pereira, na obra *supra* citada (2008:43), diz:

(...) Os ingredientes fundamentais da cultura podem ser considerados sumariamente em três níveis: o natural ou seja os meios necessários à satisfação das exigências básicas - a alimentação, a habitação e o vestuário; o social ou os meios complementares à adaptação ao mundo e à vida - o divertimento, a arte, a justiça e a moral; o espiritual ou os meios de desenvolvimento prático e teórico e de transformação - as ideias, os mitos e as crenças. A cultura tem sido ainda compartimentada, nem sempre só com objetivos metodológicos, em cultivada ou grande cultura, popular e de

massas. A cultivada ou a grande cultura assume como características a originalidade, a autenticidade e a perenidade. Obviamente, resulta da criação de um autor ou artista quase sempre identificável. A popular, “pequena?” cultura, mantém daquela a perenidade e a autenticidade, garantidas na ingenuidade popular. A cultura de massas, sem perenidade, nem autenticidade, grau zero da cultura, emergiu, a nível planetário depois da dita Revolução Industrial, em que aquela se transformou em civilização.

Esta definição de cultura abarca todos os conceitos imagináveis. Explicita a cultura com «C» (a «grande») e a cultura com «c» (a «pequena»). Define até a cultura de massas que, na nossa opinião, encontramos nos meios de comunicação social, nomeadamente, na televisão. Aproxima o conceito de *cultura* do conceito de *civilização*. Este último surge no decorrer da definição que nos oferece António José Saraiva, na sua obra «O que é a cultura» (2003:11-12):

(...) Cultura opõe-se a natura ou natureza, isto é, abrange todos aqueles objectos ou operações que a natureza não produz e que lhe são acrescentadas pelo espírito. A fala é já condição de cultura. Por ela se comunicam emoções ou concepções mentais. A religião, a arte, o desporto, o luxo, a ciência e a tecnologia são produtos da cultura. Este é o sentido mais extenso de cultura, que coincide com o de civilização, palavra que se propagou por via francesa. Cultura, essa, difundiu-se por via alemã. Um sentido mais restrito, entende-se por cultura todo o conjunto de actividades lúdicas ou utilitárias, intelectuais e afectivas que caracterizam especificamente um determinado povo.

Na perspectiva de criação de um clube de espanhol, pretende-se que nele se encontre «o conjunto de artes lúdicas - especialmente aquelas que os gregos antigos designavam por “as nove musas” (como a poesia, a música...etc.) (...) Com um significado aproximado usam os ingleses a palavra *folklore*» (in, António José Saraiva, O que é a cultura, Gradiva - 2003: 12).

Deste modo, e pensando em poesia, música, arte, termina esta definição de cultura, cultura com «C» grande.

2.-Cultura e metodologias no ensino das línguas

O ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras atravessou várias fases:

-o período da metodologia tradicional onde a gramática e a tradução dominavam. A língua era ensinada com base em textos literários e grandes clássicos. A exploração da língua inspirava-se no ensino do grego e do latim. Através dos textos, pretendia-se chegar a uma visão universal da cultura.

-o período da metodologia direta onde se fazia a separação entre a língua e a cultura. Este ensino assentava em transmitir um saber baseado nos factos históricos, geográficos e artísticos bem como no modo de vida.

-o período das metodologias audiovisuais onde a linguística impera e a língua se torna o objetivo principal. A aproximação da cultura é muitas vezes posta de lado.

-o período da abordagem comunicativa, iniciada nos anos 70, dá importância aos documentos autênticos e à competência comunicativa. A componente cultural parece querer ser introduzida mas o seu tratamento fica aquém do desejado. O ensino torna-se mais pragmático e aberto e visa tornar o aluno, um ser comunicativo.

-nos anos 80, tende-se a evoluir para uma conceção onde a língua e a cultura fazem parte integrante de uma construção da competência social e intercultural. A partilha de saberes e de vivências permite aos interlocutores influenciarem-se valorizando o Outro.

-com a «interculturalidade», os anos 90 preconizam o saber-ser e o saber-fazer. Defendem uma conceção dinâmica, plural e subjetiva da cultura. Deseja-se que o aluno chegue à conclusão de que o «Eu» é relativo e que o «Outro» é importante.

Nos anos 80 e 90, o enfoque comunicativo desvaloriza a importância das outras metodologias porque baseia-se na imperativa necessidade de ensinar aos alunos a comunicar, independentemente de dominarem conceitos gramaticais ou não. A gramática apresenta-se de forma indutiva e através de breves explicações. Professores mais tradicionais horrorizam esta filosofia. A língua é encarada como um meio para chegar a realizar determinadas tarefas. O domínio da língua tem que ter um objetivo concreto e real. O professor surge como um mediador da aprendizagem onde o seu papel é de facilitador e onde os alunos têm o papel principal. A utilização da língua estrangeira, na aula, é determinante e o uso da língua materna deve ser evitado. Devem-se criar condições favoráveis à interação oral na sala de aula. Apela-se a criar um espírito de colaboração com trabalhos de pares, de grupo. Pretende-se que o aluno seja crítico e que ponha em prática situações reais de comunicação para que não haja desfasamento entre a escola e o exterior. Quer-se dar um sentido à

aprendizagem dos alunos, mediante a realização de tarefas finais. Além da utilização do manual, a construção de materiais, por parte do professor, e o recurso a documentos reais são fundamentais. Os programas, emanados do Ministério, contemplam todos estes aspetos. Assentam no enfoque comunicativo por tarefas.

Nas aulas, às quais fomos assistidos, o enfoque comunicativo foi posto em prática, como poderão comprovar na execução das unidades didáticas preparadas. Em cada uma delas, os alunos tinham uma tarefa final para executar. Desta forma, os discentes podiam aumentar a sua motivação e «aprender a aprender» tornando-os mais conscientes da sua aprendizagem e favorecendo a sua autonomia.

Querendo concluir este apartado, nunca será de mais dizer que o ensino de uma língua passa pelo ensino da sua cultura e parafraseando Dimitrios Thanasoulas, considera-se importante incluir a cultura no currículo da língua estrangeira, porque «ajuda a evitar os estereótipos e o seu ensino, na sala de aula, habilita os alunos a assumir o controlo de sua própria aprendizagem bem como alcançar a autonomia, avaliando e questionando o contexto mais amplo dentro do qual a aprendizagem da língua-alvo é incorporada». Segundo Tomalin e Stempleski (1993), Dimitrios Thanasoulas refere que o ensino da cultura tem as seguintes sete metas:

- *«Ajudar os alunos a desenvolver uma compreensão de que todas as pessoas exibem comportamentos culturalmente condicionadas».*
- *«Ajudar os alunos a desenvolver uma compreensão que variáveis sociais, tais como idade, sexo, classe social e lugar de residência influenciam as maneiras em que as pessoas falam e se comportam».*
- *«Ajudar os alunos a se tornar mais consciente do comportamento convencional em situações comuns na cultura de destino».*
- *«Ajudar os alunos a aumentar sua consciência de conotações culturais de palavras e frases na língua-alvo».*
- *«Ajudar os alunos a desenvolver a capacidade de avaliar e refinar generalizações sobre a cultura de destino, em termos de elementos de prova».*
- *«Ajudar os alunos a desenvolver as habilidades necessárias para localizar e organizar informações sobre a cultura de destino».*
- *«Estimular a curiosidade intelectual dos alunos sobre a cultura de destino e a promover a empatia para com seu povo».*

Como professora de francês, ao longo destes anos, todas estas metodologias e estas metas, de uma forma mais ou menos efetiva ou prolongada, foram aplicadas. A abordagem da cultura faz-se sempre de forma natural e intrínseca porque se viveu em França e se continua

a ter contacto com a realidade francesa através de familiares, de idas a França, de leitura de revistas, de audição de músicas...etc. Facilmente, nas aulas, e desta forma, consegue-se transmitir a realidade do Outro com paixão. Neste momento, quer-se partilhar com os alunos o aspeto cultural e intercultural no ensino da língua espanhola. Sendo o espaço aula, um espaço constrangedor, por natureza, e chegando à conclusão que o tempo que nos é dado para cumprir um programa é escasso, idealizou-se a arquitetura da criação de um clube de espanhol. Na quarta parte, vai-se desenvolver este projeto onde a língua, como domínio da competência lexical e gramatical, passa para um segundo plano e a transmissão da cultura é o centro nevrálgico e porque como diz Cristina Avelino (s/d):

(...) On peut donc considérer comme Robert Galisson, qu'apprendre une langue a pour objectif fondamental le fonctionnement culturel dans l'univers de l'autre. La culture étant le vrai enjeu et la langue une sorte de passage obligé, de voie d'accès à laquelle l'école a eu tendance à donner une primauté écrasante.

O Enfoque comunicativo e a destreza da competência comunicativa como súmula das outras competências exigem que o aluno tenha a habilidade de dominar várias competências: a competência gramatical relacionada com o domínio das estruturas gramaticais; a competência discursiva que trata de aspetos sobre a coerência de tipos distintos de textos; a competência estratégica onde as estratégias linguísticas podem favorecer a comunicação e a competência sociolinguística ou sociocultural. Esta última é essencial, e é a que nos toca trabalhar, na preparação das nossas aulas, para este relatório. Esta competência leva ao conhecimento de regras sociais e culturais que ajudam a adequar-se a determinado contexto (teoria de Canale). Quando aprendemos uma língua, não só aprendemos o seu sistema linguístico mas também descobrimos o universo social e cultural do Outro. Aprendemos a descobrir como o Outro age, pensa, atua e sente. Aprendemos os seus códigos. A competência cultural é determinante na aceitação do Outro. Lourdes Miquel (1999:35) afirma:

Hablamos de competencia cultural para referirnos (...) a un conocimiento operativo ligado a hábitos, objetos de campo, posiciones de esos objetos, saberes, creencias y presuposiciones del que disponen los miembros de una cultura y subrayamos que todo ese conocimiento se estructura y organiza en torno al discurso. El discurso es una serie de continuas decisiones en función de lo ya dicho, de lo consabido, de lo presupuesto, de los objetos y estrategias de los hablantes, donde el interlocutor tiene que elegir entre varias opciones, pues bien, buena parte, una gran parte del instrumental que tiene que manejar el interlocutor es cultural.

3.- Ser professor de Língua Estrangeira/Espanhol no espaço comunitário europeu; o Plano Curricular do Instituto Cervantes; a educação intercultural/multicultural/pluricultural.

O Conselho Geral da Europa, como organismo, está preocupado em manter as diferenças culturais e em valorizar a riqueza cultural individual, a riqueza das diferenças linguísticas e a necessidade da sua proteção. Apresenta o *Quadro Europeu Comum de Referência* e o *Portofólio Europeu de Línguas*, instrumentos de trabalho e de consulta de qualquer aprendiz de uma língua, seja ele, professor ou aluno. O objetivo, destes dois documentos, visa permitir o alargamento do conhecimento, do descobrimento, da compreensão mútua entre os países europeus. Também pretende que eles sejam um instrumento para lutar contra preconceitos, contra a intolerância e, desta forma, criar condições para a aceitação das diferenças culturais e linguísticas. Nesta perspetiva, como professores de uma língua estrangeira devemos contribuir para que os alunos valorizem o que é deles e apreciem o que é dos outros.

Defendendo a importância da Educação, o relatório da Unesco «Educação, um tesouro a descobrir» também chamado «Relatório Delors» (1998:6), apresentou os quatro pilares da educação para o século XXI: «Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver juntos, Aprender a ser». Aprender a conhecer é o reto de qualquer professor que pretende ensinar os seus alunos a fazer, a descobrir, a conhecer o mundo para que possam aprender a viver juntos, respeitando as diferenças e enriquecendo a sua maneira de ser, aprendendo a ser de uma forma autónoma.

A União Europeia é um mosaico de línguas, de povos e de culturas. Há uma união através da diversidade. Conhecer línguas significa conhecer o mundo e compreender os povos. Há a necessidade de uma compreensão mútua, de um conhecimento mútuo para lutar contra o racismo, a xenofobia e a intolerância. A aprendizagem de uma língua estrangeira contribui para a consolidação de relações pacíficas, para a construção da solidariedade, do respeito e da ajuda através da criação de um diálogo intercultural. Um diálogo intercultural, a interculturalidade, palavras-chave da aprendizagem e ensino de uma língua. A educação intercultural leva a reflexionar sobre o objetivo da educação, sobre a cultura, sobre a diversidade e sobre a integração. A educação intercultural baseia-se na educação centrada na diferença e na pluralidade cultural. E como diz Mike Byram (1997): «*O conhecimento intercultural significa conhecer a sua própria cultura e a cultura da segunda língua*». Na era da globalização, temos de aprender a conviver de uma maneira mais aberta e criativa com pessoas de outras culturas.

E nesse intuito, a Comunidade Europeia é uma união económica mas também pretende ser uma união social entre os seus membros. Atualmente, falar de União Europeia torna-se um tema delicado devido a toda a conjuntura social e económica, em crise, que todos os países membros atravessam. Mas as bases da criação de um espaço europeu comum são as de

entreadajuda e de união. A cidadania não se limita às fronteiras nacionais. Ter uma nacionalidade europeia é partilhar novos valores, novas maneiras de viver e de pensar, é aprender com a diversidade, com a variedade e aceitar as diferenças. Supõe-se que todas as línguas europeias vêm de uma língua mãe comum: o «Indo-europeu», uma razão mais para a união de toda uma Europa. Com a abertura das fronteiras, a mobilidade dos cidadãos é mais fácil. Cada um traz um pouco da sua cultura e do seu saber e tudo isto se junta formando uma «multiculturalidade» e uma interculturalidade constantes e «o multiculturalismo consagra um direito à diversidade que alarga o nosso conceito de liberdade» (Miguel Gaspar). E como relata Carla Nobre (2010:34) incluindo uma parte do capítulo 14 do dossier das línguas do Conselho Geral da União Europeia:

Aprender a falar outras línguas incentiva uma maior abertura aos outros, às suas culturas e maneiras de ver o mundo, melhora as competências cognitivas, desenvolve as competências dos aprendentes na sua língua materna e permite tirar partido da liberdade de trabalhar ou estudar em outro Estado-Membro.

Aprender línguas é vital na era da globalização. Alarga as nossas fronteiras porque possibilita uma maior circulação e a adaptação a novos países. E aprender espanhol é importante para ter novas oportunidades no mercado do trabalho ou nos estudos. O Instituto Cervantes contribui, amplamente, para expandir o ensino da língua e oferece o seu Plano Curricular com um vasto repertório de material para a aprendizagem, o ensino e avaliação do espanhol de acordo com os níveis comuns de referência (A1,A2; B1,B2; C1,C2) estabelecido pelo Marco Comum de Referência para as línguas emanado do Conselho Europeu. O Plano Curricular apresenta as competências como a soma dos conhecimentos, destrezas e características individuais que permitem a uma pessoa realizar ações mediante tarefas. A aprendizagem é mais efetiva sempre e quando há um objetivo final e uma motivação inicial. A aquisição de línguas é entendida como uma forma de enriquecimento pessoal e de abertura em relação a outras culturas. Fala-se de «plurilinguismo» e de «pluriculturalismo» para alcançar a competência pluricultural. Por isso, o Plano não esquece introduzir os elementos culturais, sem os quais o ensino só seria um exercício mecânico fora das realidades vitais e, como já referido, a competência cultural é necessária para ter uma boa competência comunicativa não esquecendo, claro, as outras competências: gramatical, lexical...etc. Para Bourdieu (1990) citado em Dimitrios Thanasoulas:

(...) Uma língua existe como uma linguística habitus, como um conjunto de práticas que implicam não só um sistema específico de palavras e regras gramaticais, mas também uma luta muitas vezes esquecida ou escondida sobre o poder simbólico de uma forma particular de comunicação, com

determinados sistemas de classificação, formulários de endereço e referência, léxicos especializados e metáforas.

Estas referências, estas metáforas, todas estas formas simbólicas de comunicar devem ser ensinadas ao aluno para que ele possa transforma-se num agente social que comunica, como um falante intercultural que aprende a lidar com as diferenças e como aprendente autónomo que, gradualmente se torna responsável do seu próprio processo de aprendizagem.

Para desenvolver e aprofundar toda a nossa competência comunicativa, o Plano Curricular do Instituto Cervantes fala-nos dos referentes culturais dando importância à dimensão cultural no ensino/aprendizagem da língua. Ensinar uma língua não é só ensinar vocabulário, regras gramaticais; o lobo mau das línguas com raízes latinas e é preciso não esquecer como afirma António Rivarol que *«a gramática é a arte de arredar as dificuldades de uma língua; mas é preciso que a alavanca não seja mais pesada do que o fardo.»*; por isso também é ensinar e dar a descobrir a cultura do país. Primeiro, há que ter um conhecimento factual do tipo «enciclopédico» para dar uma visão geral do âmbito cultural de uma comunidade (a “grande” cultura ou a cultura com «C» grande). Depois temos que incluir as crenças, os valores, os símbolos, as representações, as imagens, os conceitos, as ideias, os tópicos, etc. O Plano também fala dos saberes e comportamentos socioculturais que devem ser abordados porque permitem um conhecimento (da “pequena” cultura ou a cultura com «c» pequeno) baseado na experiência, no modo de viver, nos aspetos quotidianos, na identidade coletiva, nas relações pessoais, no estilo de vida que existem em Espanha. Convém dar respostas às perguntas: O quê? Onde? Quando? Como? Quem? Porquê? É importante analisar os comportamentos porque são aspetos relacionados com as convenções sociais (a pontualidade, a hospitalidade, o modo de vestir-se, etc.). Faz-se uma lista que se divide em condições de vida e organização social, relações interpessoais (relações públicas, pessoais, profissionais e educativas), identidade coletiva e estilo de vida (convenções sociais). Finalmente, o Plano fala-nos das habilidades e atitudes interculturais para alcançar a competência intercultural que vai para além da competência comunicativa. Deve-se permitir ao aluno aproximar-se da cultura de Espanha dentro de uma perspectiva intercultural para a compreensão, a adaptação e integração da outra cultura. A competência intercultural supõe a ampliação da personalidade social do aluno para conviver num clima de tolerância e cooperação através do conhecimento de outros povos, da perceção das semelhanças e das diferenças; a possibilidade de estabelecer relações entre culturas e pessoas. Quem ensina e quem aprende têm de desenvolver as suas atitudes procurando uma empatia, uma curiosidade e uma abertura perante outra realidade. Esta aproximação será voluntária nunca esquecendo o espírito crítico comparando e reavaliando a sua própria cultura com outra cultura para construir uma identidade cultural plural. Esta aprendizagem terá como base o respeito e a mediação para poder interagir com o outro. Estes conceitos de interculturalidade,

pluriculturalidade, diversidade, variedade, identidade etc., escondem por detrás a palavra e o conceito de CULTURA que tanto nos preocupou no decorrer desta primeira parte.

Neste momento, cabe-nos refletir um pouco mais sobre interculturalidade porque ensinar a cultura de um país leva, irremediavelmente, à interculturalidade. A nossa sociedade é cada vez mais multicultural. A globalização é uma realidade. A Terra é uma «aldeia global» porque os meios de comunicação contribuíram para que o mundo de cada um de nós seja o mundo de todos. Internet, televisão e outros meios aproximam-nos uns dos outros. Já não vivemos isolados. Torna-se inevitável aprender a respeitar o Outro para diminuir o choque cultural e evitar os conflitos. Temos a obrigação de construir uma identidade intercultural onde se fomentem o contacto e o intercâmbio mútuo, a integração, a aceitação da diferença, a tolerância e as relações de igualdade. Como professores, temos que desenvolver a competência intercultural dos nossos alunos. O nosso papel é de mediador/embaixador intercultural para facilitar, aos discentes, a compreensão da cultura meta e para que possam agir como agentes interculturais e poderem assim, solucionar problemas socioculturais e vencer o choque cultural. Por isso «Ensinar uma língua implica desenvolver atitudes integradoras e compreensivas para com as línguas e as culturas» (Carla Nobre, 2010:64). Segundo Isabel Iglesias, a interculturalidade permite olhar para fora, desde a nossa própria cultura, interpretamos o que vemos, é o «efecto escaparate». A mesma acrescenta(s/d):

(...)observamos otras culturas con las gafas de nuestra propia cultura y ésta nos aporta una determinada forma de ver el mundo, de percibir e interpretar la realidad. Sin embargo, el verdadero proceso de conocimiento intercultural implica que cada uno se aleje de los estilos familiares y habituales de mirar su entorno para poder, así, adoptar los puntos de vista ajenos, sin renunciar a la propia identidad cultural.

4.- Aceitação ou não dos tópicos sobre Espanha como referentes culturais

Sendo Espanha um país onde a identidade nacional balança e como diz Pérez Garzón (2008) «sobre España no hay unanimidade», torna-se difícil defender a utilização ou aceitação dos tópicos para definir, culturalmente, Espanha. É nossa intenção nesta parte. Como definir a cultura espanhola? Se como afirma Jan Peter Nauta (in, Isabel Iglesias, «Diversidad Cultural en el Aula de E/ELE: La Interculturalidad como desafío y como provocación»):

(...)la cultura española es el conjunto de todo lo que los españoles han producido en el transcurso de los tiempos, está claro que ningún español posee la cultura española, ni puede poseerla. Cada español posee una parcela

de esa cultura, una identidad social que varía según la edad, el sexo, el estado civil, la clase social, la región, la profesión u ocupación, y gran cantidad de otros factores. Podemos hablar, entonces de muchas culturas parciales o subculturas: la de los adolescentes madrileños de clase media, la de los taxistas andaluces de Barcelona, la de de los solteros de Aragón, la de los cirujanos plásticos y un largo (demasiado) largo etcétera que, como totalidad, constituye la cultura española, más o menos de la misma manera que ochenta mil personas distintas constituyen el público del Santiago Bernabéu.

então, em cada Espanhol existe um mundo e uma cultura diferentes, defendendo valores e vivências culturais diversos. O conjunto de todos eles define a cultura espanhola. Será, no entanto, difícil encontrar a tal identidade cultural única e consensual. O que não agrada a uns é defendido por outros. A trilogia «Sol, Touros e Flamenco» não será representativa da cultura espanhola e poderá ser entendida como um estereótipo que afeta grande parte dos Espanhóis. Estes tópicos integram as subculturas dentro da cultura de um país. Cabe ao professor, como mediador, evitar o etnocentrismo, que consiste em aproximar-nos da cultura do Outro através da nossa e o relativismo cultural que conduz a uma falta aceitação do Outro porque não permite a impermeabilidade entre as culturas e as subculturas: cada um é dono da sua e não há mistura nem tolerância. O papel do professor será o de mediador intercultural. A interculturalidade permite ter uma visão crítica do Outro. Será esse o caminho.

Onde procurar uma identidade nacional na perspectiva de defender ou aceitar os tópicos? Resposta: nos tópicos relativos à cultura com «C» grande. Os tópicos que se transformam em estereótipos fazem parte da cultura com «c» pequeno. Na mesma ordem de ideias podemos, então, chegar à conclusão que existem tópicos com «T» grande, que permanecem no tempo, e tópicos com «t» pequeno, que evoluem mas que deixam marcas. Veja-se o caso da sesta. De fato, os Espanhóis já não dormem a sesta mas este hábito influenciou a abertura das lojas, por exemplo. Todos estes tópicos constroem a identidade cultural de um país, na sua totalidade. E porque razão defender os tópicos? Porque são uma realidade. Todos os países têm os seus tópicos. Portugal tem a torre de Belém, o Galo de Barcelos, o Fado; França tem a Tour Eiffel, os croissants e as baguettes; Inglaterra, o Big Ben e os Beatles. Da mesma forma, Espanha pode ser descoberta através dos seus tópicos e das imagens de marca que construíram sobre ela e que são cultura. O professor deve utilizá-los nas suas aulas. No artigo do jornal «El País»: «España, ese tópico», o jornalista descreve os tópicos associados a Espanha: a falta de pontualidade, a hora da sesta, o entusiasmo vital dos espanhóis, o fato de que todos fumam, o medo da morte, os tópicos das regiões autónomas: “Los Andaluces son, de lejos, el Pueblo de España más exuberante; los Gallegos son todo lo

contrario; los vascos son trabajadores y les gusta vivir bien» (in Bibliothèque du Voyageur, Ed. Gallimard). Mais nos referimos à religiosidade exacerbada na Semana Santa, a «marcha» dos espanhóis que adoram encontrar-se nas praças e ir de «tapas y copas», o fato, dos espanhóis estarem sempre bem vestidos, a antipatia da polícia...etc. são ideias que as pessoas têm sobre os Espanhóis. Este artigo retrata os mitos e os tópicos que perseguem Espanha e que continuam a encantar o mundo e que fazem deste país, o segundo mais visitado depois da França. Associar Espanha ao flamenco, às praias e ao sol, às «tapas», a «marcha», à hora da sesta, aos touros, às sevilhanas, aos «abanicos» são tópicos que agradam pouco aos que são do norte de Espanha, mas funcionam e estão presentes em todos os manuais, nas campanhas turísticas e até em filmes; veja-se o exemplo de Woody Allen em «Vicky Cristina Barcelona» (2008) onde aparece uma Española exuberante, uma guitarra que gosta de tocar e onde um bom copo de vinho é sempre bem apreciado. O que atrai um estrangeiro é o que é diferente e positivo. Para os alunos que querem aprender espanhol, estes tópicos tornam-se, muitas vezes, o motivo para querer aprender a língua. Num nível mais avançado, poder-se-á abordar outros aspetos culturais e que fazem de Espanha uma «Spain diferente». E como criticar a utilização dos tópicos se o próprio governo os utiliza como se pode verificar no texto de Beatriz Ruiz «Propaganda turística y estatal en España a través de sellos y billetes». Aqui, os tópicos estão a um nível mais elevado porque pertencem à cultura com «C» grande e são os já denominados por nós, tópicos com «T» grande. As riquezas monumentais, as grandes personalidades históricas, as criações literárias, as obras de arte mais conhecidas e as paisagens ornamentam os selos e os bilhetes e publicitam Espanha através de «aquellas imágenes que encarnan valor positivos y permanentes de la realidad y de la historia patria» (Beatriz Ruiz: s/d). Estas imagens de marca podem fazer a união de uma Espanha tão desunida. Como anteriormente referido, as riquezas culturais da cultura com «C» grande criam a identidade deste país. E como professores de espanhol utilizamos, com certeza, os tópicos para revelar um pouco da cultura com «c» pequeno e com «C» grande.

Termina assim, a nossa reflexão teórica, na realização deste relatório. Começa, agora, a parte mais importante deste estágio e para a qual, nós professores fomos talhados: a nossa prática pedagógica e a nossa relação com os alunos. Apresentámos a planificação de duas unidades didáticas como proposta para incluir a componente cultural na sala de aula. Seguirá a pretensão de idealizar um clube de espanhol e a realização de algumas atividades, como complemento à abordagem da cultural dentro e fora do espaço sala de aula.